

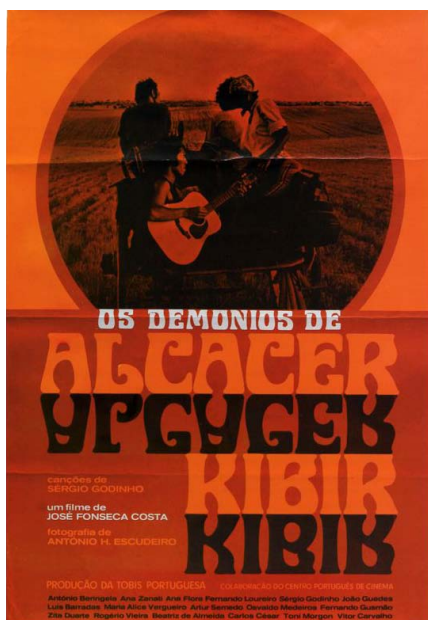
Sessão de 3 de Julho de 2014
CONVIDADO: JORGE LEITÃO RAMOS, CRÍTICO DE CINEMA

CÓPIA 35MM GENTILMENTE CEDIDA PELA CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

OS DEMÓNIOS DE ALCÁCER-KIBIR¹⁹⁷⁶

José Fonseca e Costa

Sinopse



O percurso de uma pequena companhia teatral pelo Alentejo em vésperas do 25 de abril, percorrido por uma série de símbolos da repressão e revolução que anunciam o fim da ditadura. José Fonseca e Costa devolve-nos a imagem de um país que mergulha num passado recente e nos fantasmas do inconsciente nacional. Segundo escreveu Eduardo Prado Coelho, “abre-se aqui uma outra teoria onde aproximadamente se proclama que a liberdade se conquista sempre onde o real tal-qual-se se fende e o imaginário se nos propõe”. Apresentado em Cannes na Quinzena dos Realizadores, teve estreia comercial em Portugal em 1977. Canções de Sérgio Godinho, que tem aqui a sua estreia como ator no cinema português.

Realização José Fonseca e Costa **Assistente de Realização** Jorge Marecos Duarte **Argumento** José Fonseca e Costa (Colaboração: Augusto Sobral) **Fotografia** António Escudeiro **Figurinos** Jasmim **Caracterização** Luis de Matos **Som** João Carlos Gorjão **Música** Hector Berlioz (“Un Bal”) **Canções** Sérgio Godinho **Decoração** Madalena Pinto Coelho, Fernando Pinto Coelho, e Jasmim de Matos **Anotação** Teresa Vaz da Silva **Montagem** José Fonseca e Costa, João Carlos Gorjão **Interpretação** António Beringela (Beringela), Ana Zanatti (Lianor), Sérgio Godinho (Camolas), Luís Barradas (o mudo), João Guedes (Dr. Gonçalo), Zita Duarte (Joana), Artur Semedo (Capitão), Carlos José Teixeira (latifundiário), Pedro Éfe (operário em greve), Fernando Gusmão.

Produção Tobis Portuguesa (Colaboração: Centro Português de Cinema/CPC) **Director de Produção** Paulo de Moraes **Produtor Executivo** Artur Semedo **Cópia** da CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA, 35mm, cor, 88 minutos **Estreia Mundial** Quinzena dos Realizadores, Festival de Cannes, Maio de 1976 **Estreia em Portugal** Quarteto, a 10 de Abril de 1977.

Ao rever certos filmes, é necessário fazer dessa re-visão um acto de avaliação das possibilidades e limites de cada época. É preciso, de certa forma, voltar de novo a 1974 e 1975, e considerar o quadro de produção e o quadro estético em que o cinema português se movia, bem como o processo político que balizava o seu campo de manobra.

Serve esta chamada de atenção para justificar o recurso a numerosas declarações da época sobre **Os Demónios de Alcácer-Kibir** (filme que Fonseca e Costa pensou em 1975, cuja rodagem durou dois meses e que só estreou em Portugal em 1977, circunstância que ilustra bem - e outros exemplos há - o circuito penoso a que qualquer filme português se obriga), com que documentaremos as nossas próprias observações. Rever um filme é, pois, rever igualmente o que sobre ele se disse, o que para ele se definiu como objectivo, etc...

Assim, repare-se que **Os Demónios de Alcácer-Kibir** nasce sem que o próprio produtor do filme saiba aquilo que Fonseca e Costa iria filmar (cf. entrevista do cineasta ao *Expresso*, em 6 de Abril de 1977). Torna-se pois evidente que esta situação de excepção (*"difícilmente alguém terá filmado um filme com tanta liberdade como eu filmei este"*, diz Fonseca e Costa), sem paralelo em qualquer outro mercado, cinemas de Estado incluídos, tem o seu peso a nível estético: o desaparecimento dos constrangimentos de expressão, a total ausência de obrigação a modelos narrativos quaisquer que fossem.

Em segundo lugar, se queremos experimentar todo o alcance do projecto **Os Demónios de Alcácer-Kibir**, sigamos minimamente o quadro político que então se vivia. *"Devo no entanto lembrar que o filme foi rodado em pleno período gonçalvista, portanto, num período em que havia uma certa euforia entre algumas forças de esquerda que, de certo modo, não aprovariam nessa altura o filme, na forma que ele tem agora, se porventura o gongalvismo se mantivesse no poder"*, declarava José Fonseca e Costa na já citada entrevista. O que quer dizer pelo menos duas coisas. Por um lado, **Os Demónios...** surge num quadro de sensibilidade que não tem correspondência com o de hoje: nos longínquos 1975 e em 1977, ano da sua exibição, as coisas a ser ditas pelo cinema português não eram as mesmas que hoje devem ser ditas (ou narradas), nem o modo como o espectador via o filme tem paralelo com o nosso. Por outro lado, a declaração de Fonseca e Costa significa, *tout court*, que o seu filme é, de modo muito pessoal e peculiar, um filme político.

Este modo peculiar de ser filme político - de ser filme militante - provoca engulhos aos que concebem esse cinema como serviço (alguém escreveu: *"O filme não serve essa luta (dos camponeses alentejanos) e esses trabalhadores"* e, num estilo conhecido, *"Que mais será preciso dizer? Serão necessárias análises ao 'estilo', às 'influências', à 'técnica' que, aliás, melhor ou pior, lá vai permitindo que o realizador diga aquilo que pretende? Antes o não permitisse"*), provocando, ao contrário, o elogio rasgado de Eduardo Prado Coelho (*"abre-se aqui uma outra teoria onde aproximadamente se proclama que a liberdade se conquista sempre onde o real tal qual-é se fende e o imaginário se nos propõe"*) e de José Vieira Marques (*"Desde o início, pois, é esquivada toda e qualquer pretensão a documento explosivo, ao sabor de muito (mau) cinema militante ou de intervenção, expressões com que alguns classificaram preguiçosos exercícios de gravação em imagens de 'manifestações' e outros sinais exteriores da vontade de revolução que o 25 de Abril de 74 veio acordar em Portugal"*).

Ora, desde a alteração das condições de produção de filmes, até à alteração das teorias e dos padrões de gosto cinematográfico, passando pelas alterações do quadro político, tudo hoje concorre para que esta evocação do passado, que vai longa, pareça cair de outra galáxia e nos obrigue a pôr os pés no chão.

Excepção feita aos indefectíveis de qualquer saudade, as questões do chamado cinema político perderam a prioridade, ganhando particular relevo tudo o que é - do ponto de vista formal-interno ao próprio filme. Assim, **Os Demónios de Alcácer-Kibir** ao cair hoje sob a mira do espectador é posto sobretudo face a problemas de linguagem em relação aos quais Fonseca e Costa tem posição bem clara, uma vez que os seus filmes imediatamente subsequentes (**Kilas** e **Sem Sombra de Pecado**) são, nesse particular, o seu "manifesto". Pode mesmo dizer-se que os defeitos da época assinaláveis em **Os Demónios...** surgem corrigidos nesses dois filmes. No fundo, o projecto de cinema de Fonseca e Costa tem pouco a ver com o carácter alegórico que **Os Demónios** propõe e curiosamente a inexistência de um constrangimento narrativo retira tensão ao trabalho técnico executado (os longos planos com elaborada movimentação da câmara, o trabalho de iluminação a raptar ao fundo negro os rostos dos actores, e forte contraste das cenas de estúdio com o uso de cenários e luz naturais) nunca ficando evidente a sua necessidade, nem se destacando desse trabalho qualquer óbvia unidade (sabemos mal como os saltimbancos se tornam sujeitos da repressão política a seguir à greve, percebem-se mal os contornos dos personagens).

Neste filme sem fio narrativo - o que em si não constitui factor negativo, mas que o pode ser num cineasta que precisa de contar um história, como é o caso de Fonseca e Costa - outros poderão achar elogiosamente que estamos face a uma construção nómada ou a uma encenação semelhante à de um teatro de saltimbancos. Resisto a considerar assim os **Os Demónios...** o filme interessa-me como reflexo de uma época e de uma problemática (estética), mas a excessiva simbologia, a economia desproporcionada apagam hoje o seu alcance, tanto político como cinematográfico.

~ M. S. Fonseca (*"folhas"* da *Cinemateca*)